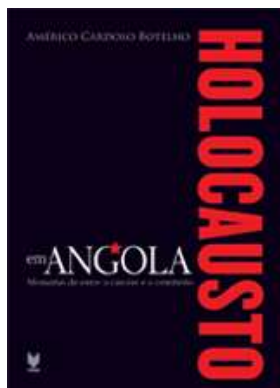


Segunda-feira, Abril 14, 2008

Holocausto em Angola



Excelente artigo de António Barreto no «[Público](#)» de ontem sobre o livro "[Holocausto em Angola - Memórias de entre o cárcere e o cemitério](#)", de Américo Cardoso Botelho. O sociólogo é categórico na sua apreciação, "*O que ali se lê é repugnante*", diz. Sobre aquela a que alguns chamaram a "descolonização exemplar", não se inibe de dizer: "*O que fizeram as autoridades portuguesas durante a transição foi crime de traição e crime contra a humanidade.*"

Fala também da responsabilidade de [Rosa Coutinho](#) neste Holocausto e no caso de Manuel Ennes Ferreira, preso e torturado depois de lhe ter sido assegurada protecção na Embaixada de Portugal em Luanda.

Sobre o percurso dos responsáveis por este Holocausto e a atitude cúmplice dos políticos portugueses, diz: "*Muitos dos responsáveis pelos interrogatórios, pela tortura e pelos massacres angolanos (...) estão hoje vivos e ocupam cargos importantes. Os seus nomes aparecem frequentemente citados, tanto lá como cá. Eles são políticos democráticos aceites pela comunidade internacional. Gestores de grandes empresas com investimentos crescentes em Portugal. Escritores e intelectuais que se passeiam no Chiado e recebem prémios de consagração pelos seus contributos para a cultura lusófona. Este livro é, em certo sentido, desmoralizador. Confirma o que se sabia: que a esquerda perdoa o terror, desde que cometido em seu nome. Que a esquerda é capaz de tudo, da tortura e do assassinato, desde que ao serviço do seu poder. Que a direita perdoa tudo, desde que ganhe alguma coisa com isso. Que a direita esquece tudo, desde que os negócios floresçam. A esquerda e a direita portuguesas têm, em Angola, o seu retrato.*"